

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES PELO OLHAR DOS PROFESSORES

Sirlei Ferreira da Silva Goularte, Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes¹
Agda Felipe Silva Gonçalves, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES²

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

O presente trabalho dedicou-se a pesquisar sobre o processo de inclusão escolar, objetivando analisar como a prática docente dos professores da Educação Profissional contribui para o processo de inclusão de alunos com deficiência, nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em uma Instituição Pública da Rede Federal do Espírito Santo. O processo de investigação pautou-se na abordagem qualitativa com metodologia de estudo do tipo etnográfico. Para obtenção dos dados utilizou-se a técnica de grupo focal e o questionário reflexivo, com a participação de 17 professores. Os dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo, com enfoque teórico na perspectiva histórico-cultural nos postulados Vigotskianos. Como ponto de análise, tomamos as percepções e reflexões dos professores da/na educação profissional acerca do processo de inclusão escolar, das quais emergiram duas categorias de análise: 1- a inclusão como possibilidade de (re)pensar a escola e de romper com os desafios postos a esse processo; 2- formação dos professores e profissionais da escola como caminho para consolidação do processo de inclusão. Os resultados evidenciam questões que impõem a este processo a necessidade do fortalecimento de uma política de educação especial inclusiva na Rede Federal. Política tal, que vise a implementação de um projeto pedagógico educacional que conjugue: ações de formação continuada em contexto para professores e demais profissionais que compõem o ambiente educativo, ações voltadas às práticas inclusivas de ensino e ações promotoras de apropriação do conhecimento sobre os princípios que embasam a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.

Palavras-chave: Inclusão de alunos com deficiência. Educação Profissional. Percepções Docentes.

¹ Mestra em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores (PPGEEDUC-UFES), Pedagoga/Técnica em Assuntos Educacionais do Ifes, e-mail: sfgoularte@gmail.com

² Doutora em Educação (PPGE-UFES), Prof.^a da UFES, e-mail: agdavix@msn.com

1 INTRODUÇÃO

A exclusão e inclusão social são temas da atualidade que têm sido compreendidos como faces de uma mesma moeda, pois vivenciamos a necessidade de inclusão pelo fato de haver a exclusão de uma parcela considerável da sociedade. A questão da inclusão/exclusão tem sido discutida em vários segmentos da sociedade por ser uma problemática que desafia os modos de produção de vida e de constituição do ser humano (BIESTA, 2013; SAWAIA, 2001). Padilha (2013, p. 88) alerta-nos enfatizando que “[...] conceitos como os de inclusão e exclusão não podem ser banalizados, simplificados, porque se corre o risco de banalizar e simplificar necessidades fundamentais do ser humano [...]”.

A demanda inclusão/exclusão também se faz presente na escola. A escola, como um espaço cultural concebido para a educabilidade, nem sempre foi um espaço de todos e para a educação de todos. Ao longo da história de sua criação, remeteu-se a um lugar privilegiado em que o acesso era para poucos, para os alunos considerados “normais”. Assim, as pessoas com deficiência por muito tempo foram segregadas em escolas especiais e excluídas do processo educativo das escolas de ensino comum, devido à criação de um conceito de normalidade (padrão) de ser humano e de ser aluno que, de modo simultâneo, qualifica e desqualifica (PADILHA, 2007; SANTOS, 2007).

A desqualificação, como incapaz, doido, não normal, doente, limitado, apenas corroborou um processo de exclusão que apartou do convívio social e, em consequência, da escola comum, todos aqueles que de algum modo não se encaixavam no padrão construído de normalidade (PADILHA, 2007; WANDERLEY, 2001; SANTOS, 2006).

A inclusão escolar significa conceber que “A educação [...] é afinal sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor: mais completa [...] e talvez mais humana” (BIESTA, 2013, p. 16). Assim, a escola inclusiva é uma escola que se abre para todos, indicando o direito que todos os alunos, com ou sem deficiências, têm de conviver e aprender juntos, numa educação que reconheça a humanidade do outro sem definições preestabelecidas para o que seja ser humano e ser aluno.

Dessa forma, a busca constante sobre o modo de atender às necessidades dos alunos que não se apresentam iguais, pois cada um possui potencialidades diferenciadas, e muitas vezes complexas, traz inquietude e questionamentos sobre como melhor ensinar-aprender no contexto da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio.

Este artigo foi escrito a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Inclusão e a prática docente na educação profissional” no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da Ufes. Teve por objetivo analisar a contribuição da prática docente dos professores da Educação Profissional Tecnológica (EPT) no processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. A necessidade de analisar a contribuição da prática docente nesse processo surgiu a partir do ingresso de dois alunos (cego e surdo), no contexto de ensino em tela.

O estudo foi fundamentado na teoria histórico-cultural, a partir das contribuições de Vigotski (2008, 2010), bem como de estudiosos dessa matriz, como Ferreira, M. e Ferreira, J. (2013), Gonçalves (2008a, 2010), Padilha (2007, 2013), Rego (2014), dentre outros. Na crença em uma EPT pautada no princípio da educabilidade, questionávamos como a prática docente dos professores da EPT pode contribuir para o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência? Qual a percepção dos professores sobre esse processo? Assim, a partir do entendimento que a transformação da escola comum em espaços inclusivos é condição essencial para que todos os alunos desenvolvam seu percurso formativo com qualidade e êxito acadêmico, lançamo-nos ao processo investigativo.

A pesquisa foi realizada no Ifes-campus Venda Nova do Imigrante-ES. Teve como sujeito, docentes que trabalharam com alunos com deficiência. Os dados foram coletados em 2017, via grupo focal e estudo do tipo etnográfico. Para André (2015, p. 16), a etnografia “é a tentativa de descrição da cultura”. De acordo com a autora a cultura constitui os “sistemas complexos de significados” que os indivíduos apresentam para organizar seu comportamento.

A compreensão das práticas pedagógicas culturalmente instituídas pelos professores da educação profissional, por meio do estudo do tipo etnográfico, possibilitou-nos analisar as contribuições destas para o processo de inclusão. Para interpretação lançamos mão da análise de conteúdo. Apresentamos a seguir as percepções e reflexões pelo olhar dos professores sobre este processo.

2 INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Como ponto de análise, tomamos as percepções e reflexões dos professores da/na educação profissional técnica de nível médio acerca do processo de inclusão escolar, apresentando neste texto os dados coletados no 1º encontro de grupo focal sobre a seguinte questão reflexiva: Qual a sua percepção sobre o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência?

A análise das percepções/reflexões captadas dos 17 professores expressadas durante o momento de discussão, troca e reflexão no grupo focal sobre o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência configurou-se nas seguintes categorias:

- a) Categoria 1 – a inclusão como possibilidade de (re)pensar a escola e de romper com os desafios postos a esse processo;
- b) Categoria 2 – formação dos professores e profissionais da escola como caminho para consolidação do processo de inclusão.

2.1 CATEGORIA 1 – A INCLUSÃO COMO POSSIBILIDADE DE (RE)PENSAR A ESCOLA E DE ROMPER COM OS DESAFIOS POSTOS A ESSE PROCESSO

Esta categoria emergiu a partir das reflexões de 12 professores que sinalizaram para a necessidade de se (re)pensar a escola, em outras palavras, pensar os tempos e espaços escolares.

Indicaram também questões que envolvem a prática docente no processo de inclusão, tais como: o despreparo em trabalhar com alunos com deficiência; a falta de conhecimento sobre esse tema; a falta de trabalho e atendimento

adequado de forma geral; e o fortalecimento da parceria entre escola, família e Apae.

Os participantes refletem sobre a forma como as relações são estabelecidas no espaço escolar entre os atores que compõem o cotidiano educativo, como podemos notar em suas falas-respostas, no Quadro 1, Categoria 1:

Quadro 1 – Percepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar

(continua)

Categoria 1: a inclusão como possibilidade de (re)pensar a escola e de romper com os desafios postos a esse processo	
Professor(a)	Falas-respostas dos participantes
Alice	“O processo de inclusão de alunos com necessidade especial no espaço escolar é fundamental. Porém, nem sempre essa inclusão ocorre de fato, [...]”
Amanda	“Percebo que a inclusão deve ocorrer na escola [...]. Aqui, no Ifes, há um maior preparo quanto ao acolhimento dos alunos com deficiência. Mas não é em todo lugar que isso ocorre.”
Ana	“[...] aprender a conviver com a alteridade. Esse talvez seja o grande aprendizado numa instituição educacional.”
André	“Acredito que há uma diferenciação no processo de inserir o aluno com deficiência, tratando-o de uma maneira diferenciada, enquanto o objetivo seria tratá-lo de uma maneira igual.”
Cláudia	“[...] somente o atendimento na escola não é suficiente para inserir o aluno [...]. Enfim, a parceria deve ser entre as escolas, Apae e família.”
Joana	“É um processo importante, porém difícil [...]”
Lúcia	“[...] conscientizar os demais de que não há diferença, mas sim diferentes formas de compreender e chegar a um só objetivo.”
Marcos	“Temos [...] muitas obrigações no tocante à inclusão escolar de alunos com deficiência, mas enfrentamos muitas dificuldades para colocá-las em prática.”
Mariana	“Acredito que o processo de inclusão [...] representa um ganho e um avanço imenso no processo de aprendizagem de todos.”

Quadro 1 – Percepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar

(conclusão)

Miguel	“Antes de pensar a inclusão, precisamos pensar a escola. Precisamos, como professor, estar mais dispostos a ouvir e aprender com as diferenças [...]”
Paulo	“Minha percepção é que esse processo de inclusão ainda não está bem consolidado [...]. Existe necessidade de se criar metodologias claras sobre o tema.”
Robert o	“Como educador, parto do princípio que escola boa é aquela que consegue ensinar a todos [...].Continuar avançando é o caminho e atividades como estas já nos tiram do lugar.”

Fonte: Dados obtidos no grupo focal – 1º Encontro.

Nesta categoria os professores sinalizam que acreditam na possibilidade de uma educação inclusiva, vista por eles como um processo complexo e desafiador.

Entendemos que as questões elencadas pelos docentes, como: o despreparo em trabalhar com alunos com deficiência; a falta de conhecimento; a falta de atendimento adequado; e a falta de parceria entre escola, família e Apae, influenciam diretamente a prática pedagógica do professor na inclusão de alunos com deficiência. Diante dessas questões que interferem na dinâmica da sala de aula, torna-se urgente repensar a organização da escola em prol do processo inclusivo

[...] requer pensarmos em uma organização escolar que contemple a cooperação e o trabalho em equipe, com vistas à reflexão e reconstrução do espaço educacional. É preciso que a escola organize seu trabalho pedagógico e nele inclua, como ponto essencial, um espaço sistematizado para que os professores e outros profissionais encontrem-se para analisar e recriar sua prática (ALMEIDA, 2005, p. 2).

A educação inclusiva nos remete à concepção da escola reflexiva defendida por Alarcão (2001, p. 25), em que a escola reflexiva é uma “[...] organização (escolar) que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização, e se confronta com o desenrolar da sua atividade [...]”. Assim, na perspectiva de uma educação inclusiva, a escola deve ser um espaço de reflexão, de ação coletiva e colaborativa, de autonomia, de respeito e de aprendizagem para todos os alunos e para os profissionais que nela atuam.

Alarcão (2001), ao desenvolver o conceito de escola reflexiva, faz uma analogia ao professor reflexivo, um professor que pensa a sua prática e, ao fazê-lo, a avalia e a (re)significa. O professor reflexivo não se conforma com os

desafios a ele posto, em sua prática na sala de aula, mas considera o seu contexto de atuação e, a partir desse cotidiano vivido, transforma-o.

Nesse sentido, podemos perceber, nas falas-respostas dos professores, que eles estão dispostos e abertos à inclusão de alunos com deficiência, a partir da forma como manifestaram seus pensamentos e percepções em relação ao processo de inclusão. Entendemos que essa disposição e pensamento dos professores podem contribuir favoravelmente para a consolidação de uma educação profissional inclusiva, na medida em que refletem sobre a escola, sobre a forma como o espaço educativo está organizado e em como esse ambiente precisa se constituir em um espaço inclusivo.

Consideramos a relevância desse pensamento e disposição dos professores participantes do estudo em aceitar uma educação inclusiva e nela acreditar, pois eles apontam para o caminho dos possíveis, por meio de uma postura que para nós é fundamental: a atitude inclusiva. Essa atitude inclusiva tem estreita relação com os dizeres de Padilha (2007, p. 2):

Quero 'ter olhos para ver', 'ter ouvidos para ouvir' na descoberta do sujeito que, apesar do que faz ou do que deixa de fazer e, porque faz e deixa de fazer, é sujeito – nem sempre normal, nem sempre doente; nem sempre com limitações, mas com limitações. É sujeito e não doença. É sujeito e não 'normal'. É sujeito e não 'patologia'.

Na Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, esse processo de inclusão ainda é muito novo, principalmente na Rede Federal de Ensino. Esse fato nos leva a refletir sobre como é necessária a reconfiguração das práticas pedagógicas e organizativas nessa modalidade de educação para que a inclusão seja cada vez mais uma realidade experienciada.

Sabemos que a transformação da escola comum em um espaço mais inclusivo, com práticas adequadas, reveste-se cada vez mais de importância como elemento estratégico para a democratização do ensino e da educação, em especial, na educação profissional de nível médio.

Nessa perspectiva, Rego (2014, p. 118) sinaliza que Vygotsky apontava para a “[...] necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos”. Uma escola em que a prática pedagógica e o modo como se organiza seja resultado de uma relação recíproca de uma prática social e culturalmente vivenciada nos preceitos da autonomia, da contradição, da

reflexão crítica sobre a prática, possibilitando uma educação pautada nos princípios inclusivos.

Desse modo, reiteramos a afirmação do professor Roberto, explicitada em sua fala na Categoria 1, que diz: **“Escola boa é aquela que consegue ensinar a todos”**, por concordarmos que a escola e a educação inclusiva são pautadas nesse princípio. Assim, se almejamos a consolidação da escola inclusiva, o trabalho do professor e dos demais profissionais da escola, bem como sua formação continuada precisam ser assumidos sobre o postulado da diversidade humana. Gonçalves (2008b, p. 5) corrobora esse postulado e acerca disso nos esclarece:

Educação Inclusiva postula o enfrentamento à discriminação, à segregação e à intolerância, tão presentes na sociedade. Nesse sentido, a adoção da prática da educação inclusiva supõe uma reestruturação da escola e de sua filosofia, bem como a mudança das práticas habituais que tendem a padronizar uns, excluir ou segregar outros.

Considerando as percepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, acreditamos que as reflexões possibilitadas por meio do grupo focal servirão como mola propulsora para (re)pensar a escola, bem como suas práticas pedagógicas e organizativas.

2.2 CATEGORIA 2 – FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA ESCOLA COMO CAMINHO PARA CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO DE INCLUSÃO

Nas falas de cinco professores, nesta categoria, é possível observar, por meio das falas-respostas, no Quadro 2, Categoria 2, uma preocupação com a prática docente em relação à inclusão dos alunos com deficiência, evidenciando a necessidade e a importância da formação de modo a fomentar uma prática pedagógica que consiga lidar com a diversidade existente na sala de aula e na escola.

Quadro 2 – Percepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar

Categoria 2: formação dos professores e profissionais da escola como caminho para consolidação do processo de inclusão	
Professor(a)	Falas-respostas dos participantes
Antônio	“A inclusão [...], para que aconteça de forma efetiva, todos os envolvidos precisam de uma capacitação [...]. Tendo por base uma capacitação

	adequada e um preparo adequado do ambiente, acredito na real inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar.”
Carlos	“Acho que precisamos de treinamento para lidar com esse público tão especial.”
Clara	“Sinto necessidade de me capacitar e aprender na prática.”
Emanoel	“[...] a inclusão não é só termos estrutura física adaptada e bons equipamentos, mas é essencial profissionais qualificados para que a inclusão seja promissora. [...] necessário capacitação dos profissionais.”
Pedro	“É fato que ainda funciona de forma muito incipiente e que pouquíssimos profissionais têm competência técnica para fazê-la [...]”

Fonte: Dados obtidos no grupo focal – 1º Encontro.

As falas/percepções apontadas, nesta categoria, pelos professores acerca do processo de inclusão escolar em consonância com a prática docente, ressaltam a urgência de formação adequada, que os qualifique a trabalhar de forma exitosa com os alunos com deficiência.

A indicação desses professores nos leva a refletir sobre uma formação que não seja apenas pontual e desconexa da realidade. Precisamos instituir uma formação como explicitada acima na fala do professor Antônio e, aqui, destacada novamente: **“Tendo por base uma capacitação adequada e um preparo adequado do ambiente, acredito na real inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar”**.

Dentro dessa ótica, a formação do professor deverá considerar a imprevisibilidade e mudanças que perpassam a escola, mostrando que a diversidade é inerente à condição humana e se presentifica na escola e na sala de aula. Jesus (2002, p. 30) alerta-nos quanto à necessidade de uma “[...] nova forma de estar na profissão, entendendo que a imprevisibilidade e a mudança constantes dos contextos de atuação exigiram dos profissionais da escola uma formação ao longo da vida”.

É importante destacar que, na implementação de uma formação de professores que visa a fomentar uma educação inclusiva, precisa-se considerar a realidade e os desafios que eles vivenciam em suas práticas, em seus contextos de atuação. Partimos do pressuposto de que a formação em contexto é uma formação que leva em conta o cotidiano da escola e da sala de aula e seus desafios.

A formação em contexto, ou seja, aquela realizada no ambiente da escola, planejada pela escola e com os professores, passa a considerar a forma

organizativa e pedagógica instituída no espaço educativo e a prática do professor. Acreditamos que a formação em contexto tem muito a colaborar para uma prática pedagógica que aceita a singularidade de cada aluno e a escola como espaço de inclusão de todos. Assim sendo,

[...] a formação continuada em contexto se configura como dispositivo necessário/possível para o educador potencializar suas práticas, aprofundar seus conhecimentos teórico-práticos, instituir contextos de aprendizagem para todos os alunos, bem como projetar a escola como espaço-tempo para a continuidade do aperfeiçoamento docente [...] (VIEIRA, 2008, p. 11-12).

Entendemos que a reflexão sobre os contextos de atuação pode estimular os professores a um agir coletivo. Nesse sentido, concordamos com Almeida (2005, p. 11), quando enfatiza que, para a efetivação da educação inclusiva, precisamos de profissionais que adotem outras formas de pensar e agir:

Desse modo, pensarmos práticas inclusivas requer pensarmos no profissional que vislumbra a organização escolar como contexto do pensar e agir coletivamente, onde todos são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, inclusive daqueles com necessidades educativas especiais.

A formação do professor ganha destaque em nosso estudo por sua relevância para o processo de inclusão e escolarização de alunos com deficiência, principalmente ao refletirmos e analisarmos sobre como a sua prática pedagógica contribui para a inclusão escolar.

Ao refletirmos sobre a docência, importa destacar que as práticas pedagógicas não são esvaziadas de concepções, valores e fundamentações teóricas. Nessa perspectiva, Ferreira (2005, p. 74) evidencia a necessidade de (re)significar as práticas educativas, ressaltando que “Ressignificar as práticas escolares significam, entre outros aspectos, superar os problemas advindos do referencial teórico assumido pelos educadores”.

Desse modo, compreendemos que a formação dos professores pode ou não contribuir para o processo de inclusão escolar, pois suas práticas pedagógicas, seus referenciais teóricos assumidos se materializam no cotidiano da sala de aula por meio das práticas desenvolvidas e refletem diretamente no ensino e na relação com seus alunos. Padilha (2007, p. 96) também nos esclarece que o ensino é um “[...] fazer pedagógico que só se sustenta se ancorado na reflexão teórica com base em uma concepção de homem, de mundo, história, desenvolvimento, de aprendizagem”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões dos professores sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência na educação profissional evidenciam questões que impõem a este processo a necessidade do fortalecimento de uma política de educação especial inclusiva na Rede Federal. Política tal, que vise a implementação de um projeto pedagógico educacional que conjugue: ações de formação continuada em contexto para professores e demais profissionais que compõem o ambiente educativo, ações voltadas às práticas inclusivas de ensino e ações promotoras de apropriação do conhecimento sobre os princípios que embasam a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.

Necessário se faz, também, instituir condições que favoreçam o fazer docente em sala de aula, para a plena aprendizagem do aluno público-alvo da Educação Especial no Ensino Profissional. Condições essas que garantam o processo de ensino/aprendizagem do aluno com deficiência, inclusive, com o apoio de profissionais da área da educação especial.

Entendemos que a educação inclusiva só pode ser efetivada em parceria entre o professor da sala de aula regular e os outros profissionais que se fazem necessários a este processo. Dependendo das demandas apresentadas pelos alunos com deficiência, muitas vezes, será preciso a presença do professor de educação especial, o intérprete e tradutor de Libras, dentre outros profissionais e ou recursos assistivos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. A escola reflexiva. *In*: ALARCÃO, I. (Org.). **Escola reflexiva e a nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALMEIDA, M. L. Diversidade e diferença na sala de aula: algumas reflexões sobre a formação e a prática pedagógica. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 7., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Anped, 2005. 1 CD-ROM, GT 15.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. [S. l.]: Papyrus Editora, 2015.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.
- BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FERREIRA, M.C.C. Ressignificando as práticas pedagógicas da escola comum na perspectiva da educação inclusiva. *In*: SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 9., 2005, Vitória, ES. **Anais...** Vitória, ES: Ufes, 2005. p. 65-79.
- FERREIRA, M.C. C.; FERREIRA, J. R. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. *In*: GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2012.
- _____. **Inclusão escolar, mediação, aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural**. Vitória, ES: GM, 2008a.
- _____. Aspectos históricos, filosóficos, políticos e sociais da educação especial e da educação inclusiva. *In*: GONÇALVES, A. F. S. (Org.). Minicurso “**Os alunos com necessidades educacionais especiais nos diferentes espaços educacionais**”, Tema 1 – 2008, Vitória, Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão (Neesp – Ufes), 2008b. p. 1-10.
- _____. **Percursos investigativos dentro do processo de inclusão escolar no estado do Espírito Santo**. 2010. 128 f. Relatório (Pós-Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- JESUS, D. M. **Educação inclusiva**: construindo novos caminhos. 2002. 217 f. Relatório (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PADILHA, A. M. L. **Práticas pedagógicas na educação especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. O que fazer para não excluir: Davi, Hilda, Diogo. *In*: GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**.

Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? *In*: SAWAIA, B. (Org.).

As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VIEIRA, A. B. **Práticas pedagógicas e formação continuada no ensino da língua materna**: contribuições para a inclusão escolar. 2008. 246 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

_____. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. *In*: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.